



ANCESTRALIDADE AFRO-BRASILEIRA EM *ZUMBI ASSOMBRA QUEM?*, DE ALLAN DA ROSA

Gustavo Tanus Cesário de Souza; Pedro Henrique Souza da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. gustavotcs@gmail.com.

Universidade Federal de Minas Gerais. phssilva6@gmail.com

Resumo: A ancestralidade é um valor importante da cultura afro-brasileira, que fornece estabilidade da comunidade no tempo e assegura a coesão dessa comunidade no espaço, sendo elemento importante para a formação dos sujeitos. Tal formação, como projeção para o futuro, se dá pelo contato com o passado, intermediado geralmente pelo mais velho, e pela observação e leitura do mundo. Com a intenção de interpretar a ancestralidade elegeu-se o livro infanto-juvenil *Zumbi assombra quem?*, de Allan da Rosa, observando-a, portanto, como uma das características das comunidades afro-brasileiras, para o qual utilizamos as perspectivas de Henrique Cunha Jr. (2010), e do próprio Allan da Rosa (2013). O enredo – que de modo geral trata das investigações, em que se busca e se questiona o que é posto como verdade pela cultura dominante, aquilo que as instituições reproduzem – trata também das descobertas e encontros, em construção do “enegrecimento” das histórias, dos conhecimentos, como apontou Renato Nogueira (2012), num processo de “denegrir”, no sentido de tornar-se negro pela tomada de consciência de si e do mundo, de seu passado, de suas histórias. Assim, tais valores que são modos de formação, organização e manutenção das comunidades no tempo e no espaço, contribuem para atar as pontas dos tempos passado e futuro, numa cerzidura que a literatura afro-brasileira contemporânea tem apresentado, cujo arremate é a formação do leitor apto a tecer, juntamente com sua comunidade, os fios da própria história, sendo capaz, igualmente, de desfiar o tecido oficial, num processo de desconstrução tanto da história que tem obliterado a cultura negra, e das tramas que desfiguram esta cultura.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, Literatura infanto-juvenil, Zumbi, Ancestralidade, Allan da Rosa.

Mbanda Njila

Na constante manutenção dos saberes tradicionais de matriz africana ouvir-ver-contar as narrativas dos mais velhos é de fundamental grandeza. Posto que no corpo-voz do narrador é patente a dinâmica do conceito de ancestralidade, de modo que na performance a voz ancestral da comunidade é presente. Diante disso, contar histórias é não só trazer ao *agora* o *passado* (os ancestrais), mas também projetá-lo ao *futuro* (as próximas gerações, os que virão). Nesse caminho, vale lembrar o registro da saudação dos gritos ao iniciarem o ritual feito por Dilma de Melo Silva, ao escrever o prefácio de *Histórias que minha avó contava* (2004) da escritora e Yalorixá Mãe Beata de Yemonjá: “não é de minha boca, é da boca de A que o deu a B que o deu a C, que o deu a D que o deu a E, que o deu a F, que o deu a mim, que o meu esteja melhor na minha boca que na dos ancestrais.” (SILVA, citado por YEMONJÁ, 2004. p. 6).





Cerziduras

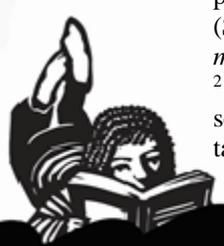
Inserido nos fios da ancestralidade, Allan da Rosa¹, escritor, editor, educador, intelectual negro produziu o volume *Zumbi assombra quem?* (2017, ver Figura no Anexo). Este que é a nona obra do autor e seu segundo livro infanto-juvenil, pode ser direcionado aos públicos infantil, juvenil e mesmo adulto, no caso dos últimos acreditamos que o texto oferece uma possibilidade de trabalho nas diversas classes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, por meio da mediação leitora, pode encorpar na contação de história. Pensamos a EJA porque reúne diversos sujeitos e contextos que, em geral, vão ter como semelhante o estigma da exclusão. Dentre esses sujeitos estão, em geral: quilombolas, indígenas, população do campo, pessoas em situação de privação de liberdade, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua etc.

A ancestralidade afro-brasileira é um valor importante da cultura afro-brasileira, que fornece estabilidade da comunidade no tempo e assegura a coesão dessa comunidade no espaço, sendo elemento importante para a formação dos sujeitos. Tal formação, como projeção para o futuro, se dá pelo contato com o passado, intermediado pelo mais velho, e pela observação e leitura do mundo. Para tanto, desenvolveremos um estudo na intenção de interpretar como a ancestralidade é tratada no texto infanto-juvenil de Allan da Rosa, ilustrado por Edson Ikê².

O impresso de Allan da Rosa vai na contra-mão da doxa que proclama o atraso do povo de tez negra, ao passo que esse contribuiu para a “desconstrução” do discurso hegemônico, o qual reserva às culturas de matriz africana uma posição de apagamento. A narrativa transmite a experiência do povo negro por meio do que Alfredo Bosi denominou “mediações simbólicas”. Tal ideia consiste em uma espiral do tempo, que caminha em direção ao futuro, resguardando valores-sentidos do ancestre. Tais mediações são:

¹ Além de participar de diversas antologias, Allan da Rosa publicou os livros: *Vão*. (Edições Toró, 2005; poesia); *Zagaia*. (Editora DCL, 2007; infanto-juvenil); *Da Cabula*. (Edições Toró, 2006; dramaturgia); *Reza de Mãe*. (Nós, 2016; contos); *Morada*, em coautoria com Guma. (Edições Toró, 2007; poesia e fotografia); *A calimba e a flauta: versos úmidos e tesos*, em coautoria com Priscila Preta. (Edições Toró; Capulanos Cia. De Arte, 2012; poesia em CD); *Mukondo lírico – funeral para Zumbi, seus medos e festas*, em coautoria com Giovanni di Ganzá. (São Paulo, 2014; ópera em CD e libreto, Prêmio Funarte de Arte Negra); e *Pedagoginga, autonomia e mocambagem*. (Aeroplano Tramas Urbanas Rio, 2013; Pedagogia).

² Ilustrador e designer cuja produção – ilustração de livros impressos e digitais, jornais, revistas etc. – distingue-se pelo uso da xilogravura como base estética. Expôs suas gravuras em galerias no Brasil e no estrangeiro, é também trompetista talentoso e estudioso do Jazz.





VII ENLIJE

[...] o gesto, o canto, a dança, o rito, a fala que evoca, a fala que invoca. No mundo arcaico tudo isto é fundamentalmente religião, vínculo do presente com o outrora-tornado-agora, laço da comunidade com as forças que a criaram em outro tempo e que sustenta sua identidade. (BOSI, 1992, p. 15).

Adentrando essa percepção, pensamos o “tempo espiralar”, de Leda Martins. Dentro dessa ideia, há uma percepção cosmo-filosófica de entrelaçamento entre o tempo, a ancestralidade e a morte, em que a temporalidade não corresponde a uma cronologia linear, mas está baseada em uma concepção espiralada, na qual os eventos estão em ininterrupto processo de transformação. Sob esse modo de percepção do tempo, “nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, eventos naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta”. (MARTINS, 2001, p. 84).

Em análise da obra, na antecipação da guia da narrativa, a dedicatória abre-se, primeiro, para a criança, Daruê Zuhri, filho de Allan da Rosa que o autor concebe como quem o ensina a leitura daquilo que é importante que não se esqueça, e, segundo, para o local de onde se vem, que indica o passo desde onde se caminha e para onde sempre se deve voltar: a fim de que jamais se esqueça origem, e para levar notícias do caminhar, contando sobre os piques abertos por meio de reflexão e luta. Destarte, percebe-se a demarcação do território, marcar de onde se fala, o pertencimento a um lugar-origem-ancestralidade “[...] Se a história é nossa deixa que #nóis escreve” (INQUÉRITO, 2013, p. 16).

De maneira geral, o livro trata das procuras, investigações, a fim de perceber as elucidações da/sobre a cultura – o que as instituições e institutos consolidam, estes como verdades inquestionáveis, aquelas como aparelhos ideológicos de propagação da cultura dominante –, e trata, o livro, das descobertas, dos encontros, em construção do “enegrecimento” das histórias, dos conhecimentos, ou como apontou Renato Nogueira (2012), num processo de “denegrir”, no sentido de tornar-se negro pela tomada de consciência de si e do mundo.

Há a descoberta das oficialidades da história e suas contradições, todas ensinadas, diga-se de passagem, na escola, por meio da violência como resultado da relação desigual de poder, possibilitada pelo silêncio dessa instituição frente às culturas negras, que estão fora de sua lente de valoração, mesmo após a criação de Leis como a 10.639/03 e 11.645/09. Nesse ambiente, há, portanto, dois lugares, um que traz os quebra-cabeças da cultura oficial – de





VII ENLIJE

adivinhação pré-definida, estruturação já montada – e outro de convalidação da imagem única desse jogo, consolidada por uma simulação de montar que tal “brincadeira” na escola permite. E esse lúdico não é o responsável pelo reforço das ditas verdades oficiais?

É interessante no livro que cultura não é tratada como uma abstração, mas como forças capazes de elaborar uma consciência sobre as relações entre os seres – a tessitura de suas histórias, os fios e o fiar, a palavra e o mundo, os entrelaces e os arremates – e a natureza, com quem se divide a existência, de maneira a moldar o reconhecimento dessa cultura resultando numa tomada de consciência de si e do outro. Para atar essas pontas, há a figura do *Nganga*, o mais velho, aquele que é guardião do saber, na pele (e muntuê, cabeça) do Tio Prabin, que vai narrando sobre Zumbi, desconstruindo o que Candê pensa ser a verdade dos fatos porque aprendera na escola, construindo, não pelo artifício do contraste negativo, mas pela positividade da narração, em que “costurava a lembrança e ensinava sorrindo” (ROSA, 2017, p. 8).

Zumbi era “linha de frente”, era “um dos reis e um dos que traziam alimento para casa”.

Se Zâmbi reina azul no céu, Zumbi vinha nas uvas e na sombra. O rei do chão, das raízes, das lavas e das minas, das cascas e penas quebradiças dos animais depois que eles atravessavam sua ponte com a morte. Rei das artérias do chão, das sementes brotando e das minhocas que desenham os caminhos e labirintos das terras, abrindo ares.

– Minhocas?

– Sim. E com elas aprendeu. Por isso, os bandeirantes nunca sabiam de verdade onde estava a sua cabeça. Mas se Zumbi considerava que tudo era criação de Zâmbi, até ele mesmo, as cavernas das funduras do mar e as gargalhadas sem beijo das caveiras dos bichos na terra, ele também tinha aprendido que a grandeza do céu era só uma unha de Zâmbi, desde o mofo na penumbra dos porões até o roxo das beterrabas e o tempo das cicatrizes. (ROSA, 2017, p. 36).

Durante a narração sobre o quilombo, o menino Candê ia no encaixo da história, partilhando a aventura junto do contador. Traço que nos deixa evidente um caminho outro para a transmissão do conhecimento, não mais aquele estático, avesso ao sensível (ainda tão comum nas escolas), mas uma pedagogia própria do saber negro, que no braço Bantu tem na figura do *Nganga* aquele que carrega o saber e ensina-o, aos mais novos, num processo ativo.

O tio dizia do quilombo entocado nas serras, dos esconderijos que mudavam de lugar e Candê sentia o cheiro das trilhas, o estreito das cavernas subterrâneas, os ares da subida pra serra, o maciço dos muros de árvore e a caída das valas. (ROSA, 2017, p. 8).





VII ENLIJE

Esse *Nganga*, cerzidor, no tempo presente, dos fios do passado ancestral e do que virá (em devir), diz respeito, portanto, mais como o modo como é possível relacionar – por meio da palavra falada – o tempo e o espaço do que elementos dispostos sob a ideia de um conceito. As histórias da comunidade são guardadas e contadas por esses griôs ou *Ngangas*, esses ancestrais que narram acontecimentos, sendo guardiões da memória e da tradição da comunidade, cuja “reminiscência funda a cadeia da tradição. Que transmite o acontecimento de geração em geração” (BENJAMIN, 1994, p. 211). Logo, esses mais velhos são aqueles legitimados para a ação de lembrar, de contar, de transmitir o saber às próximas gerações, sendo o elo entre o passado, em sua imemoriabilidade, e o futuro, que se constituirá pelos que escutam tais histórias, ou essas memórias.

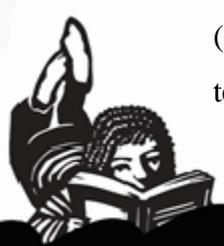
As ações de contar/de narrar atam as pontas dos tempos, relacionando o tempo passado, esse tempo ancestral que embasará o devir “ao encontro do destino, ao ‘desconhecido esperado’” (ROSA, 2013, p. 37).

A noção bidimensional de um tempo tradicional africano orienta a sociedade para o seu passado, tão enfatizado quanto o seu futuro, se tentarmos traduzir para as nossas categorias temporais. No passado se encontra toda a sabedoria ancestral e a identidade, as referências primordiais, dinâmicas e abertas a mudanças, bússolas a orientar o presente. (ROSA, 2013, p. 37).

Conforme Henrique Cunha Jr. (2010) os valores da ancestralidade, da identidade territorial, da transmissão dos conhecimentos pelas palavras falada pelos seres humanos e tambores são formas filosóficas, isto é, modos de reflexão sobre a natureza, e de aprendizado sobre a realidade. Esta palavra falada, que possui o poder de transformação, constrói o mundo, transformando o ser inanimado em potencial humano, são, juntamente com o meio ambiente, a comunidade, os lugares, partes do ancestral.

Não é, pois, apenas um estratagema, em que suas etapas são apenas partes necessárias, ultra-passadas com vistas a um conhecimento final, mas, sobretudo, uma finta na lente entre ver perto, ali mesmo, lutando junto, observando pegadas dos invasores bandeirantes, e ver de longe, num foco de observar o horizonte para ler de onde virão esses invasores e suas instituições, com suas pedagogias do apagamento/aniquilamento do outro.

No fim, a movimentação se dá mesmo no passo de re-conhecimento do outro, seja para os renitentes homens-placa da história oficial, pela possibilidade de que possam re-ler (numa experiência de in-formar-se) tais informações que cegamente propagam, e, com isso, tenham chance de adentrar no projeto de comunidade baseado no reconhecimento da





VII ENLIJE

diversidade na diversidade. Outro movimento da tessitura literária, o mais importante, é a construção – poética – de conhecimento sobre si, sobre a história de Zumbi, do quilombo, dos modos de resistir, que são modos de existir frente às estratégias de apagamento/desconsideração da cultura negra. Tal descostura é percebida na cena em que Tio Prabin mostra ao menino Candê como desvencilhar das cerzaduras esclarecidas da cultura dominante, demonstrando, no mesmo momento, a força que a união de fios contém.

O tio dizia do quilombo entocado nas serras, dos esconderijos que mudavam de lugar e Candê sentia o cheiro das trilhas, o estreito das cavernas subterrâneas, os ares da subida pra serra, o maciço dos muros de árvore e a caída das valas. Para ali levaria sua toalha mais grossa ou sua pele ia criar couro duro na sola e nos braços pra não se arranhar? Pensou na Ladeira do Sabão, aquela da volta da feira com o peso da sacolona dividido com a mãe, pisando devagar e atento pra não desbarrancar. E lembrou do acampamento que foi com o tio, dos tantos escorregos que tomou entre a montanha e a praia. Descer não é ainda mais difícil que subir?

Tio Prabin continua:

– Zumbi era linha de frente de Palmares. O quilombo tinha a felicidade guerreira da liberdade, da pele lambida pelas estrelas, mas vivia na febre. A tensão da invasão dos bandeirantes. Os quilombolas sabiam que ocupavam o que esteve à sua espera: a terra, a serra habitada pelas forças grandes e miudinhas que aguardavam quem se desembaraçasse das correntes e chegasse para conviver com ela.

Prabin amarra os pulsos com muita linha de costura e mostra que com um puxão não se arregaça essas algemas de fio, mas com calma e inteligência vai se desvencilhando pouco a pouco da prisão. Com os braços marcados e soltos ele continua. (ROSA, 2017, p. 8-10).

Logo, na ação, no fazer Prabin ensina a Candê que, muitas vezes, as lutas negras se dão na paciência, calma e inteligência, não que sejamos pacíficos ou passivos (como a história oficial insiste em dizer em seu registro), mas por que as nossas lutas acontecem não só no campo, mas também com as armas do adversário. Daí a astúcia de, como no jogo da capoeira, recuar, avaliar o oponente para depois atacar, ou no caso dos Quilombos saber se esconder e se mostrar quando necessário. Em outro diálogo vemos o exemplo desse processo de reconhecimento no qual a palavra Zumbi aparece re-significada a partir de uma tomada da consciência de si:

– E achavam que ele era um zumbi de apavorar?

– Ele era. Zumbindo pra afastar os pernilongos que chupavam seu sangue e embolotavam feridas na sua pele. Zumbindo como um marimbondo pra cambada de muriçocas que lhe picavam sem piedade.

– Tio, então Zumbi assombra quem? (ROSA, 2017, p. 36).





Considerações finais: arremate

Por fim, em *Zumbi assombra quem?*, Allan da Rosa evidencia o processo de reconstrução das identidades pelas experiências efetivas de vida, entrelaçadas tanto com as experiências obtidas por meio da leitura do mundo, quanto pelas escutadas pelo Nganga, o mestre, o mais velho, responsável por transmitir o saber iniciático, pois ele:

[...] não *ensina*, ele inicia, cria condições para a aprendizagem que inclui o indeterminado, apresenta repertórios gestuais e materiais às vezes até mesmo limitados, mas que se formam em combinatórios absolutamente abertas, infinitas variáveis (ROSA, 2013, p. 65).

A questão não passa pela apropriação dos modos de narrar/cantar o mundo, haja vista que são qualidades próprias da cultura afro-brasileira, mas os ensinamentos sobre modo como o tecido oficial deve ser desfeito, num processo de tessitura que desconstrói: o entramado de fios de uma história que oblitera a cultura negra, e as tramas que a desfiguram.

Há, portanto, nesse volume, a possibilidade de (re)conhecimento do outro – que somos – e do mundo pela experiência da literatura. (Re)conhecimento este que se dá na/pela (des)construção do mundo que nos colocava, antes, numa posição subalternizada, desvalorizando nossos saberes.

Referências

ALLAN DA ROSA. In: LITERAFRO – O portal da Literatura Afro-brasileira. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/506-allan-da-rosa>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I* – magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-210.

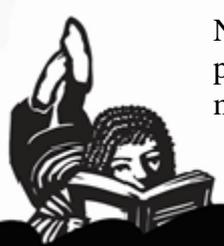
CUNHA JR., Henrique. Ntu. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 108, p. 81-92, maio 2010.

EDSON IKÊ. Disponível em: <<http://www.ensaiografico.com.br>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

INQUÉRITO, Renan. *#Poucas palavras*. 4. Reimp. São Paulo: Edição de Toni C., 2013.

MARTINS, Leda. Oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *Resafe*, Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, n. 18, p. 62-73, maio/out. 2012.



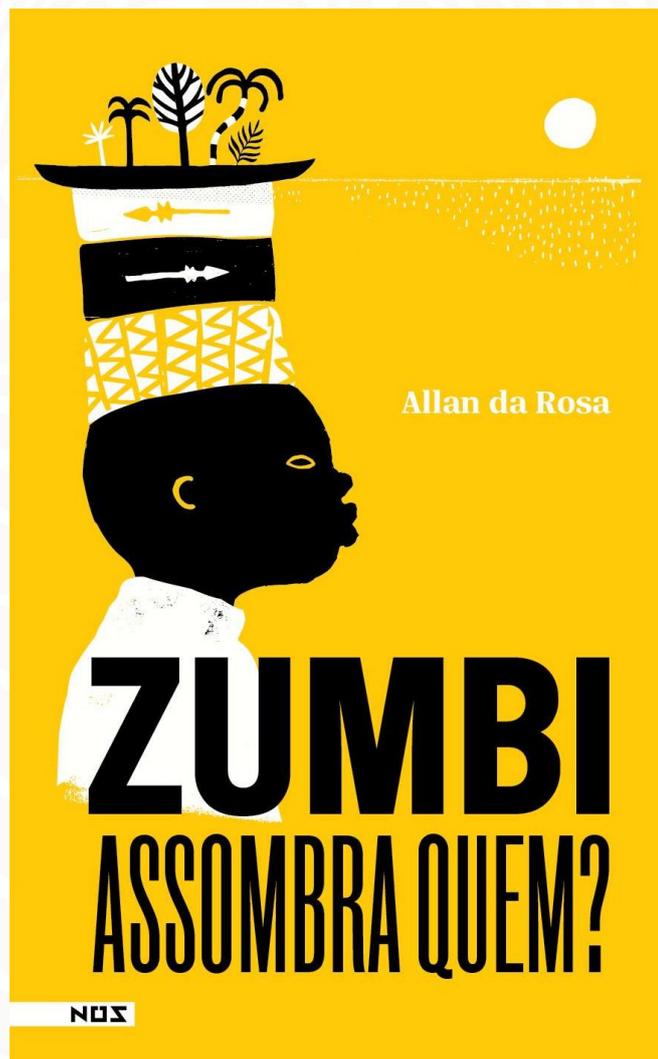


VII ENLIJE

ROSA, Allan da. *Pedagoginga, autonomia e mocambagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

ROSA, Allan da. *Zumbi assombra quem?* Ilustrações de Edson Ikê. São Paulo: Nós, 2017.

Anexo



Fonte: Capa do livro.

